



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 48, — Lisboa

Papagaio na muda



— Apresenta agora uma moção de desconfiança, se és capaz!



PALESTRA AMENA

Pechinchas!!!

Abusos

Como diabo um jornal sério perde espaço a pedir providencia contra as ladrocinhas—perdão! contra o «sport» dos desvios...—n'este paiz, eis o que é muito de admirar. Então não querem lá os senhores saber com o que o «Seculo» de domingo ultimo, na sua edição da noite, preencheu não menos d'uma columna na sua primeira pagina, em artigo do fundo, como soe dizer-se? com os roubos nos caminhos de ferro!

Termina com estas palavras o referido artigo:

«Devem convir em que isto é profundamente vergonhoso! E' indispensavel que se adoptem com toda a urgencia, medidas energicas para que não continue a acontecer o que até aqui se tem dado nas linhas ferreas. Reclamam-se garantias e essas não podem nem devem ser negadas. Assiste toda a razão e toda a justiça a quem interpreta o sentir geral; que isto não seja prégar no deserto».

Já se sabe que isto é lido na direcção dos caminhos de ferro do Estado e na dos caminhos de ferro particulares e que um sorriso de desdem assomará aos labios dos snrs. directores, como resposta á ingenuidade do articulista. E não-de dizer:

—Ora este pateta só censura os roubos nos caminhos de ferro, como se os não houvesse por toda a parte!

Dirão muito bem. E já agora aí vai outra ingenuidade, mas esta muito desculpavel, porque é nossa, porque vem n'uma folha humoristica e pode ser levada á conta de graça, não importando, pois, que faça sorrir seja quem fór, visto que a missão d'uma publicação cómica não é outra.

Referimo-nos aos padeiros—perdão! aos excellentissimos manipuladores do pão... Se o leitor, que não tem criada para ir á padaria ou, se a tem é para que se faça o trabalho em casa, quer ficar sem pão, obtem fatalmente esse resultado obrigando o padeiro, que lh'o vende á porta, a pesá-lo. A primeira vez que tal fizer, o homem pesa; no dia seguinte não volta lá. O freguez espera-o em vão. Chama outro padeiro, tem igual exigencia e acontece-lhe precisamente a mesma coisa. Depois escusa de se cançar a chamar mais padeiros; passaram palavra uns aos outros, avisaram de que «o freguez d'aquella casa é dos que mandam pesar o pão» e nunca mais lhe aparece um padeiro á porta.

—Mas isso não é um roubo! pensarão alguém.

Pois decerto que não é. E' apenas a vingança porque não se deixa praticar o roubo, e, por mais voltas que lhes dêem, que querem que se chame a quem não rouba só porque o não deixam roubar?

Querem mais exemplos, a justificar o procedimento de quem não está para providenciar com respeito ás rapinas

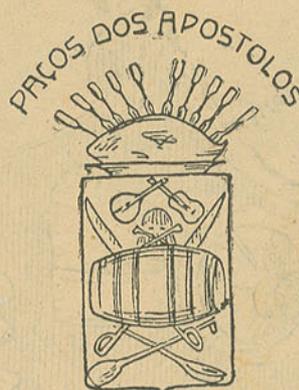
nas linhas ferreas? Não estamos para isso, já porque hoje é dia de Natal e por consequencia, dia em que não convem uma pessoa ralar-se com a prosa da vida, já porque não estamos para que os nossos fornecedores passem a não nos fornecer coisa alguma, como muito provavelmente aconteceria com o nosso padeiro, se lhe fosse parar á mão este numero do «Seculo Cómico» e ele soubesse onde mora o sinatario d'estas linhas.

Fiquemos, pois, por aqui e oxalá não nos esqueça de recomendar á criada que receba o pão á porta sem o mandar pesar e de entregar ao padeiro uma nota d'um escudo, em resposta ao cartão de visita em que se dignou dar-nos as boas-festas...

J. Neutral.

Coimbra

De Coimbra recebemos, ornamentado com as armas que reproduzimos, o seguinte e engraçado soneto, em resposta a outro com que «Belmiro» acompanhou um academico «Em foco», a pro-



posito de recentes e conhecidos acontecimentos em que a «briosa» se mostrou digna das suas tradições de galhardia e de boemia,

Ele aí vai:

Ao poeta Belmiro

Por tão grandes encomios confundido,
Na parte que me toca respeitante,
Agradeço o soneto retumbante
De bombasticas frases preenchido.

Foi estrondosamente recebido
Por toda a Academia militante,
Que em vós vê um D'Annunzio triuntante,
E em Coimbra Plume enaltecido.

E é tal o entusiasmo e a demência,
Que, após uma sessão, faz a revolta
E aclama presidente voelência.

Forme, pois, ministerio a vêr se pega,
E mande já bilhete de ida e volta,
E um casco de agardente p'rá socega!

O academico-apostolo

A. V.

Os senhores hão-de ter visto por essas vitrines fazendas, generos alimenticios, etc., etc., acompanhados por letreiros assim: «Pechincha»! — «Grandes abatimentos!» — «Liquidação por metade dos valores» — «Baixa de preços».

Lá dentro, ao preparar os letreiros, o patrão para o caixeiro:

— Qual era o letreiro que hontem tinham os bacalhaus da vitrine?

— 3 escudos o quilo,



— Bem: põe lá «Pechincha», e o letreiro de 3 escudos menos um centavo...

N'outra loja. O patrão:

— Rapaz: vai á vitrine e tira de lá aquella peça de fazenda de lã que está marcada a 100 escudos o metro.

— E que mais, patrão?

— Deixa o letreiro dos 100 escudos, põe lá aquele que diz «Grandes abatimentos» e põe em vez da peça de fazenda de lã uma de fazenda de algodão...

Um freguez, atraído por um letreiro de gravatas, que diz 5 escudos,

— Tenha a bondade de me dar uma das gravatas que está na vitrine.

O caixeiro vai buscar a gravata. O freguez puxando, da carteira:

— São 5 escudos, não?

— Qual! São 10 escudos!

— Mas estão marcadas a 5!

— Não são essas: esse letreiro refere-se a outras gravatas que temos n'esta gaveta.

E abrindo a gaveta mostra gravatas que eram antigamente a doze vinténs...

O Mota em Genebra

A quem duvidar da boa figura que fizemos em Genebra, na Assembleia da Liga das Nações, respondemos com os telegramas do dia 17: a delegação portuguesa deu, nem mais nem menos, do que um jantarão aos delegados estrangeiros, tendo assistido todas as altas personagens politicas, entre elas o sr. Mota—que é o presidente da Republica Helvetica.

Conhecem, decerto, o Mota; o que não sabiam, nem nós sabiamos, é que este belo rapaz, adido do Gallardo, tinha subido a tão alto cargo.

Parabens, Mota amigo!



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa dum anjo.

Lansso mais uma vez mão da penna pra te mandar estas mal nutadas re gras i desijar que isteijas de caude i mal a cumpanha ca minha grassas a deus ó fazer desta é voa amem. Partecipute que istou aindas cus cabelos in pé pur cósu du que vin á dias nu triato nacional caquillo é que foi uma targedia ! Inmajina ca D. O'gusta Curdeiro foi pra fransa cando era ainda maneiricha i lá introu pró triato i introu a andar na vida airada cus ómes inté que ce fêz uma descarada munto grande i ganhou rios de dinheiro. Ora a dita O'gusta é ispanhola—istás a ver u calero da tipa !—i a terra dela é uma aldea da catalunha onde ela-ia ós ninhos in cachopinha cum u Clamente inxota u pinto. Cando ella fugiu prá fransa u Clamente ficou com uma grande dôr de pau du ar já ce cabe i cumo a Maria pia tamem era um pechão dalto lá cu u xaruto casou cum esta. A O'gusta á forssa d'andar na pandiga apanhou uma grande duensa que nan ce cabe bem u qui é mas que natralmente é algum isalfamento i vai dain us medecos francius dizem-le que vá á tal parte, quer dezer prá catalunha. A O'gusta vai pra casa du Clamente que ó perinsipio nan quer arrebbeia mas que ó fim inté quer casar cum ela á porta du asougue mas a maria pia é que istá cum a pedra nu capato i vai intão prantace á iscompustura á O'gusta. A O'gusta quer fugir oitra vez pra



fransa cu Ceichas que anda in turné com uma cumpanhia de çaltimbancos mas u Clamente nan decha i vai intão a O'gusta que já nu tresreiro acto tinha cumessado a murrer cum uma lasão du curasão compelicada cum um ataque de lumbrigas desidece a murrer defenetivel i leva a murrer mais de meia ora ós incontrões-a todos us mo ves da casa inclosivel a um breso dum caxopo inté que infin fenalmente espixa a canella cum a cabessa dentro du ditto breso i cai u panno i fica touda a jente cum penua ca cupradita O'gusta nan tanha murrido lá in fransa in antes de vultar á catalunha porque iscusava de çuffer tanto i de fazer çuffer tamem tanto us ispetadoures cum dó da prove einhoura.

I pur oije nan te infado mais, nim fallo duma arrevista xamada «Bumbarial» porque tu és uma mulher onrrada i é ben cel que mulher onrrada nan tem ovidos mas pello cim pelo não nan te cunto u que oivi na tal «Bumbarial» porque grassas a deus tanho bergonha na cara i tu tamem i muntas

EM FOCO



Cunha Lial

*Temos no ministerio um «endireita»
Conforme ha muito tempo se pedia,
Porém segue o sistema da sangria,
Sistema que a sciencia agora engeita.*

*Se ha doente sanguineo que o aceita
E que pode arrostar ai cirurgia,
Sofre outro de fraqueza, d'anemia
E nem pinga de sangue o triste deita.*

*Permitam que digamos, com licença
Da bem intencionada criatura,
E sem sombra d'agravo nem de ofensa,*

*Que a teimosia ás vezes é loucura:
Ha gente que não morre da doenca
E que espicha a canella com a cura...*

BELMIRO

alimbransas a quem pur mim prégon tar i mal ós noços caxopus cas minhas cuntigio có á vista terão fim deste ca vida te deseija inté á prumera.

Jerolmo,
Emprezario do Paultteama
de Peras Rulvas,

Harmonia

Afinal de contas, o tribunal de arbitragem composto pelos srs. Augusto e Gil empregou argumentos tão poderosos a favor da reentrada do grande actor Eduardo Brazão no teatro Nacional, que este não pode resistir, e lá o temos brevemente de novo, felizmente para todos nós.

E afinal os tais argumentos não foram tão subtis como muita gente julga. Os juizes srs. Augusto e Gil limitaram-se recitar ao Brazão os conhecidos versos de João de Deus :

O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!

.....
Tlim ! Ora...

Paparoca

Vai ser oferecido um almoço ao illustre actor Alves da Cunha, que se abalança, com exito, a altos cometimentos scenicos, e embora julgemos justas todas as homenagens que se lhe prestem, semos a dizer que não nos parece que seja ele quem anda mais precisado de comes e bebes. Ao passo que se enche a barriga a este e a outros que não precisam de tais especies de manifestação, porque andam fartinhos, graças a Deus, quantos colegas d'ele

não suspiram por uma simples sardinha assada!

Pelo que, só para não nos julgarem abelhudos é que não propomos que se



dêem banquetes, sim, mas não a bons actores, aos que teem grandes ganhos: os banqueteados devem ser os mediocres, os que teem fome...

Logares selectos

Ultimo suspiro

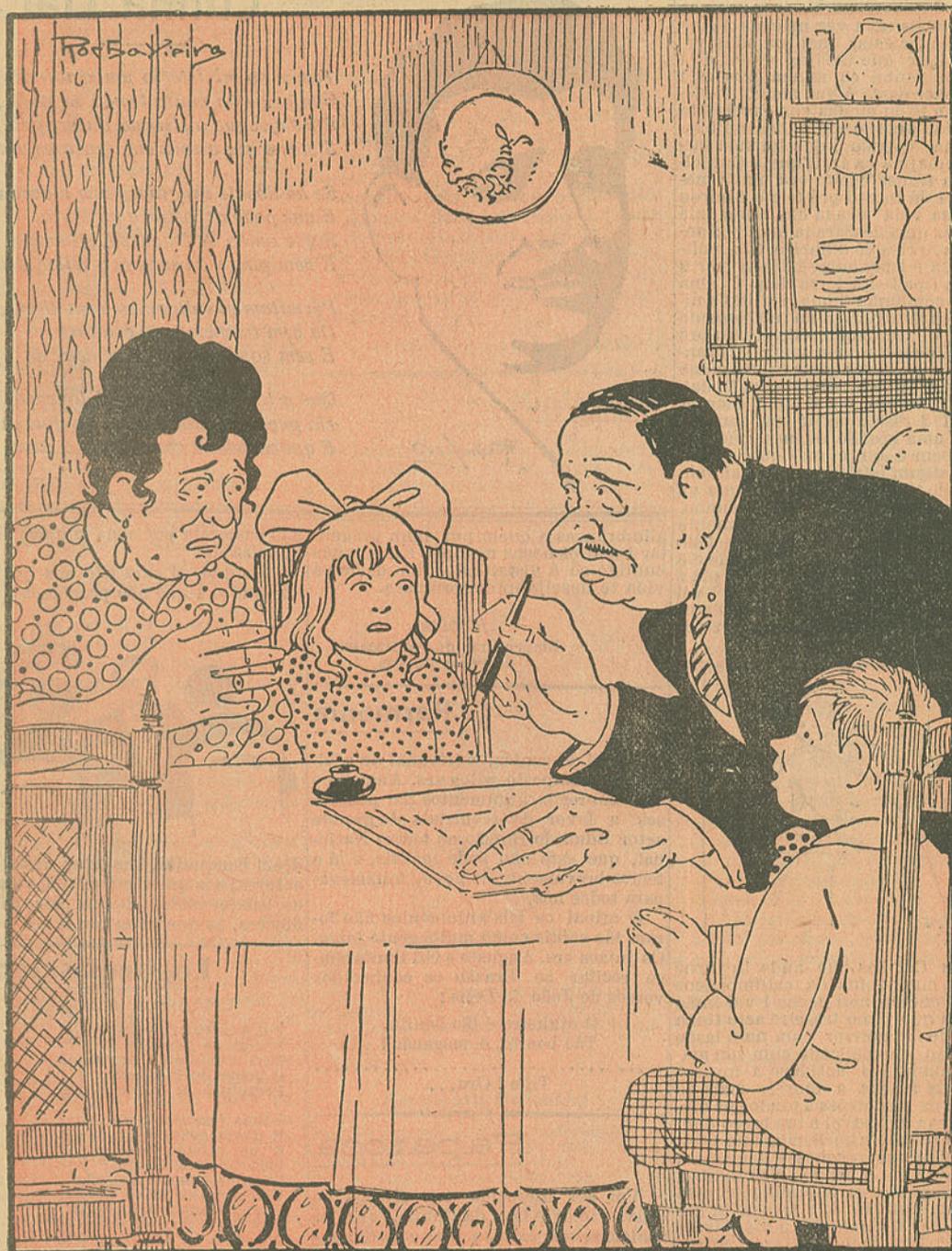
Fui a semana passada
Visitar ao hospital
E vi n'uma enfermaria
O pobre de Portugal;
Perguntei-lhe o que sentia.

—Uma fraqueza geral!
E n'esta avançada idade
E' um achaque mortal
Vem Oliveira Martins
Vara-me d'uma estocada!
Vem Augusto Zé da Cunha,
Ferra-me uma punhalada!
Isto não é caramunha,
Que tudo foi com bons fins
Porque um outro supunha
Tanto Augusto Zé da Cunha
Como Oliveira Martins,
Que sendo a morte fatal
Abreviando-me a vida
Me abreviavam o mal.

E já com a voz sumida
E no arranco final:
Tratame do funeral
Que esta lebre está corrida...

De João de Deus

O CENSO



A esposa:

— Que respondes tu, no boletim, à pergunta: — E' idiota?

— Respondo que sou casado contigo e não preciso pôr mais na carta...